



## EDUCOMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DO DESENHO DE DR. SEUSS - O LORAX - EM BUSCA DA TRÚFULA PERDIDA - METÁFORA DO APROXIMAR HOMEM E NATUREZA

### EDUCOMMUNICATION: A STUDY OF DR. SEUSS - LORAX - SEARCHING FOR LOST TRÚFULA - METAPHOR OF APPROACHING MAN AND NATURE

Bárbara Chiodini Axt Hoppe<sup>1</sup>

#### RESUMO

Levando-se em conta a crise ecológica existente em razão da crise de representação da natureza na relação homem e natureza, da necessidade de se tratar do vínculo da destruição da natureza e sua consequente destruição da cultura, de se discutir os problemas globais por um novo prisma de percepção e paradigmas valorativos na sociedade em rede, onde o poder está na influência da comunicação, propõe-se enfrentar o seguinte problema de pesquisa: quais as perspectivas da educomunicação para a sensibilização do direito da sociobiodiversidade? Para tanto, por meio de pesquisa qualitativa, exploratória, hipotético-dedutivo, bibliográfica e de observação livre, de abordagem sistêmica, esboça uma análise do desenho The Lorax que retrata o abismo na relação do homem com a natureza, pela coisificação desta última em prol da total artificialidade da cidade de Thneedville, onde há apenas natureza morta, para acompanhar a necessidade de se refletir criticamente acerca do reencontro do homem com a natureza, da (re)significação, (re)construção e valorização dos saberes para se pensar um direito da sociobiodiversidade, pelo viés da ecocidadania. Aponta-se como resultados preliminares a possibilidade da educomunicação propiciar uma reflexão crítica acerca do relacionamento do homem e a da natureza, bem como ditar possíveis caminhos a serem trilhados por políticas públicas, nos moldes dos trabalhos já em andamento pelo Ministério do Meio Ambiente com a Educomunicação Socioambiental, onde o direito da sociobiodiversidade pode vir a ser melhor desenvolvido.

Palavras-chave: Ecocidadania; Educomunicação Socioambiental; Direito da Sociobiodiversidade; Sociedade em rede.

#### ABSTRACT

Taking into account the ecological crisis existing due to the crisis of representation of nature in the relationship between man and nature, the need to treat the link of the destruction of nature and its consequent destruction of culture, to discuss the problems global by a new prism of perception and evaluative paradigms in network society, where power is in the influence of communication, it is proposed to face the following research problem: what are the perspectives of educommunication

<sup>1</sup> Mestranda em Direito pelo Programa de Pós-graduação da UFSM. Pesquisadora vinculada ao grupo CEPEDI da UFSM. Mestre em Extensão Rural. Pós-Graduada em Direito e Processo do Trabalho, Direito Constitucional (Anhangüera) e Mídias na Educação (UFSM). Graduada em Relações Internacionais (UFSM). Advogada. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1452863287589530> E-mail: [barbara.axt@hotmail.com](mailto:barbara.axt@hotmail.com)



to raise awareness of the right of socio-biodiversity? For this, through a qualitative, exploratory, deductive, bibliographical and free observation, systemic approach, he outlines an analysis of the drawing The Lorax that portrays the abyss in the relationship between man and nature, for the reasoning of the latter for the sake of total artificiality of the city of Thneedville, where there is only still life, to accompany the need to reflect critically on man's reunion with nature, (re) signification, (re) construction and valuation of knowledge to think of a right of sociobiodiversity, for the bias of ecocity. The preliminary results are the possibility of educommunication providing a critical reflection on the relationship of man and nature, as well as dictate possible paths to be pursued by public policies, in the mold of the work already underway by the Ministry of Environment with the Socio-environmental Education, where the right of socio-biodiversity can be better developed.

Keywords: Ecocity; Socio-environmental Educommunication; Sociobiodiversity Law; Networked society.

## INTRODUÇÃO

Desde a aparição da espécie humana, o homem transforma a natureza, como diria François Ost, pois só este interfere nos ecossistemas que o abrigam, não se contentando com o experienciar o espetáculo da natureza, mas sim apoderando-se dela para significá-la como meio de subsistência, sem resguardar adequadamente os ciclos de renovação desta última, levando ao desgaste e à dizimação lógica desta humanização sem limites.

Assim, pensando-se na crise ecológica em que se vive, tenciona-se abordar o tema da necessidade de se tratar sobre a destruição da natureza (ecocídio) acompanhada pela destruição da cultura (etnocídio), objetivando contrastar a crise ecológica atual, conforme Serge Moscovici bem trabalha, para se compreender que existe uma necessidade premente em se discutir os sérios problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível. Tudo com vistas para sensibilizar o reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a sobrevivência da humanidade, tal como Fritjof Capra nos ensina.

Para melhor elucidação, parte-se da hipótese de que a práxis da educomunicação<sup>2</sup> propiciaria uma reflexão crítica acerca do relacionamento do homem e a da natureza.

<sup>2</sup> Educomunicação é aqui traduzida como meio de mediação e inter-relação entre as áreas da comunicação e da educação, vista como possibilidade de um novo espaço de conhecimento que dialoga de forma crítica e criativa, ao mesmo tempo que propicia o empoderamento dos partícipes para a cidadania e a solidariedade (SOARES, 2004).



Nomeando-se neste primeiro momento breves apontamentos possíveis de reflexões a partir de pesquisa hipotético-dedutiva, bibliográfica e de observação livre do desenho 'O Lorax: em busca da trífula perdida', como meio de 'experenciamento' do fenômeno social (crise ecológica) de forma interpretativista, ou seja, interpretando e articulando a experiência objeto desta pesquisa em relação ao mundo para si próprio e para os outros, conforme nos ensina Moreira e Caleffe, com o fito de analisar possibilidades do uso da educomunicação como meio potencializador do reconhecimento de um direito da sociobiodiversidade. Para tanto, esta pesquisa - de caráter qualitativo e exploratório, que ontologicamente se identifica como interno-idealista, epistemologicamente como subjetivista e antipositivista e metodologicamente como ideográfica - intenta enfrentar o seguinte problema de pesquisa: quais as perspectivas da educomunicação para a sensibilização do direito da sociobiodiversidade?

Escolheu-se este objeto de pesquisa para estudo exploratório pelo teor evidente de retomada da consciência de dever moral dos homens para com a natureza, haja vista que o desenho traz a retratação do ecocídio como natural na cidade plastificada e artificializada de Thneedville, onde os valores sociais ali propagados seriam o capitalismo e o estatismo, que passam a ser questionados pelo protagonista Ted Wiggins na sua busca pela trífula perdida, metáfora aplicada à relação entre homem e natureza que havia sido perdida.

Assim, este texto abarca um primeiro passo de uma provável pesquisa mais ampla, cotejando-se conceitos operacionais aplicáveis na análise interpretativista aqui proposta, baseadas inicialmente na ideia de Capra de que estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza e da nova perspectiva apresentada por Ost de que não é a terra que pertence ao homem, é o homem que, pelo contrário, pertence à terra, como acreditavam os antigos.

Vale dizer que este artigo se divide em três itens de análise, onde o primeiro busca sintetizar a teoria aplicada, trazendo conceitos operacionais de análise, numa tentativa de organizar o estudo empírico que se dará no segundo tópico, viabilizando a conexão de ideias e hipóteses no último item, a que se nomeou de discussões conclusivas preliminares, por retratarem apenas de ponderações acerca da pesquisa exploratória que objetiva conhecer melhor o tema, bem como delimitar uma possível ação de continuidade desta pesquisa, observando-se os exíguos limites temporais enfrentados por esta pesquisadora no desenvolvimento desses estudos. Passa-se a breves ponderações teóricas com a



apresentação de premissas básicas de análise, enfatizando-se o estado de pesquisa exploratória em andamento neste compêndio.

## 1 SISTEMATIZAÇÃO TEÓRICA: DELINEAMENTO DE UM OLHAR DE PESQUISA

Sabe-se que se vive em uma era de crise ecológica. Ost<sup>3</sup> diz que a desflorestação e destruição sistemática das espécies comprova o dito. Porém, acrescenta-se que, sobretudo, vive-se uma crise de representação da natureza, a qual denota toda a fragilidade da nossa relação com a mesma, sendo uma crise de vínculo: “já que não conseguimos discernir o que nos liga ao animal, ao que tem vida, à natureza”, além de ser uma crise de limite: “já que não conseguimos discernir o que deles nos distingue”. Aponta, ainda, que “nossa época perdeu, pelo menos depois da modernidade, o sentido do vínculo e do limite das suas relações com a natureza”, uma vez que a “modernidade ocidental transformou a natureza em <ambiente>: simples cenário no centro do qual reina o homem, que se autoproclama <dono e senhor>”, transformando a natureza em mero reservatório de recursos.

Esquecendo-se que os próprios homens, por seu saber fazer e seu saber propriamente dito, são atores dentro da natureza, atores biológicos e sociais, sendo que a natureza é parte da história humana, e os seres humanos parte da natureza<sup>4</sup>.

Natureza é aqui traduzida como sendo aquela parte do ambiente original e de suas formas de vida que resiste ao impacto humano, sendo tudo aquilo no planeta Terra que não necessita de nós e pode existir por si só<sup>5</sup>.

Entretanto, atualmente se pergunta até quando o ambiente natural resistirá? Aduz-se que enquanto a biodiversidade se manter, levando-se em conta a biodiversidade

<sup>3</sup> OST, François. **A natureza a margem da lei**: a ecologia à prova do Direito. Lisboa: Piaget, 1997, p. 8-10.

<sup>4</sup> MOSCOVICI, Serge. **Natureza**: para pensar a ecologia. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2007, p. 32.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso de. O Direito da Sociobiodiversidade. In: **Direitos Emergentes na Sociedade Global**: Anuário do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSM. Rio Grande do Sul: Unijui, 2013, p. 272.



genética, biodiversidade de organismos, biodiversidade ecológica e biodiversidade biológica<sup>6</sup>.

Araújo aponta em 'o direito da sociobiodiversidade' que os serviços prestados pela natureza para a manutenção dos sistemas de vida, como purificação do ar e da água, decomposição do lixo, manutenção da fertilidade do solo, polinização, controle de pragas, etc., têm importância vital na sociedade, eis que na dinâmica da humanização da natureza o homem vem permitindo a colonização do mundo da biodiversidade pela lógica do mercado capitalista e da cientificação tecnicista. Que acaba por deixar de lado conhecimentos para além do conhecimento científico, produzido na relação entre o ser humano e seu entorno a partir da vivência holística, harmônica e sustentável com a natureza.

Capra em 'a teia da vida' diz que o novo paradigma que se deve perseguir é de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas, ao que chama também de visão ecológica, onde o termo "ecológica" é empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual, já que a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, todos estão encaixados nos processos cíclicos da natureza, sendo, inclusive, dependentes desses processos.

Essa mudança de paradigma abordada por Capra leva ao questionamento: o que molda a sociedade atualmente? Haja vista que uma real mudança requer uma expansão de percepções, valores e maneira de pensar o cotidiano, bem como o modo de viver para bem viver realmente.

Observa-se que a significação do que é valor na sociedade é manipulada por quem detém o poder na sociedade em rede, ou seja, quem detém a comunicação, nos dizeres de Castells<sup>7</sup> - ou poder de influência, conforme Capra<sup>8</sup> - detém o poder e detém a definição do valor, este último pensado/refletido/produzido levando-se em conta que se vive numa sociedade capitalista, estatista, baseada no modelo de desenvolvimento informacional, onde toda a informação é tida como comunicação de conhecimentos e,

<sup>6</sup> Idem, p. 273.

<sup>7</sup> CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2013.

<sup>8</sup> CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.



consequentemente, o poder estaria na possibilidade de (co)produzir significados através da comunicação produzida pelas mediações sociais, que enfrentam influências globalizantes e que foram radicalmente transformadas pelo novo panorama social-político-econômico da sociedade atual.

A ligação entre saber e poder é inerente ao sistema dominante porque, enquanto quadro de referência conceitual, está associado a uma série de valores baseados no poder. Assim, a forma como esse saber é gerado, estruturado e legitimado e a forma pela qual transforma a natureza e a sociedade, geram desigualdades e dominação, e as alternativas são privadas de legitimidade<sup>9</sup>. Quando ora se luta para o reconhecimento do direito à sociobiodiversidade.

Retoma-se Capra para tratar sobre as mudanças entre pensamento e valores, onde o autor apresenta duas tendências: a auto-afirmativa e a integrativa, apontando que a cultura industrial ocidental enfatiza as tendências auto-afirmativas, negligenciando as integrativas, distinguindo que o pensamento e os valores se norteiam pela racionalidade, competição, expansão e dominação em detrimento da intuição, cooperação, conservação e parceria.

O que se reflete diretamente na relação homem e natureza, uma vez que Moscovici<sup>10</sup> aponta que “nós quase chegamos ao limite suportável de nossa separação, da oposição entre sociedade e natureza, da indiferença dos homens, de nossas ciências e de nossa técnica para com ela”.

Para Junges<sup>11</sup>, citado na obra de Araújo, a relação ser-humano-natureza é a pedra angular da questão de conservação da biodiversidade, que depende consequentemente da diversidade cultural no modo de se relacionar com a natureza, uma vez que a diminuição da diversidade biológica seria proporcional à diminuição da diversidade cultural. Razão do autor enfatizar a necessidade de se fazer uma mediação entre sistemas ecológicos e

<sup>9</sup> SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

<sup>10</sup> MOSCOVICI, Serge. **Natureza**: para pensar a ecologia. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2007, p. 32.

<sup>11</sup> ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso de. O Direito da Sociobiodiversidade. In: **Direitos Emergentes na Sociedade Global**: Anuário do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSM. Rio Grande do Sul: Unijui, 2013, p. 278.





socioculturais, estudando a compatibilidade entre conservação da biodiversidade e formas sustentáveis de desenvolvimento econômico-social.

O que conseqüentemente levar-se-ia necessariamente a um delinear de um novo modo organizacional estatal, onde os Estados nacionais passam a reconhecer a pluriculturalidade e multietnicidade provenientes de sua variada biodiversidade étnica e cultural, para que cada grupo viva segundo sua cultura e sua tradição, tendo direito à opção de seu próprio desenvolvimento, preferencialmente trilhando um caminho que prevaleça o sentido do coletivo e que permita usufruir dos recursos da biodiversidade sem destruí-los<sup>12</sup>.

É aqui que a práxis da educomunicação se encaixa, pois é por meio da reflexão crítica, do empoderamento dos sujeitos para (re)significar, (re)construir, valorar saberes que se poderá quicá fazer frente aos conceitos e valores hegemônicos dominantes que ofuscam outros caminhos e outras formas de pensar, perceber e sentir a questão da sociobiodiversidade.

## 2 DO OBJETO EMPÍRICO: “O LORAX - EM BUSCA DA TRÚFULA PERDIDA”

Inicia-se o tópico utilizando a frase de Moscovici<sup>13</sup> “Nós despertamos nossa sociedade anestesiada para recordá-la da natureza” para contextualizar o que é representado no desenho animado observado, pois na cidade de Thneedville se passa da ideia de que “o verde é a gente que faz”, demonstrado personagens inflando arbustos e mecanizando a natureza, para entoar “uma chance as árvores quero dar (...) para mudar o mundo enfim”, quando se reconhece a necessidade de retomada da relação entre homem e natureza nesta cidade que até então era totalmente artificializada, não sendo permitido qualquer outro sistema.

<sup>12</sup> Idem, p. 284-286.

<sup>13</sup> MOSCOVICI, Serge. *Natureza: para pensar a ecologia*. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2007, p. 35.



Figura 1 - Print Screen da cena de abertura do filme *O Lorax: em busca da trúfula perdida*.

Para quem não conhece o desenho animado apresenta-se neste tópico um pouco das falas do filme produzido pelos estúdios Illumination Entertainment e Universal Pictures, estreado em 2012, baseado no livro infantil *The Lorax*, publicado em 1971, de Theodor Seuss Geisel (1904-1991), conhecido como Dr. Seuss, para compor a análise que aqui se propõe.

Primeiramente, cabe trazer que logo no início do desenho se vislumbra um chamamento pelo personagem o guardião da floresta (o Lorax) que existe mais história do que se encontra nas páginas do que está sendo contado. Isto porque vários são os pontos de reflexão norteados pela questão ecológica abordada na telona. Fala-se de natureza, de capitalismo, de consumismo, de poder e de luta, numa medida simplificada para crianças, porém, de substância para reflexão crítica. Veja-se:

Thneedville é uma cidade falsa, artificializada com arbustos infláveis, árvores mecânicas a pilha, feita de plástico, onde não havia natureza nem árvore a crescer “em que seus habitantes achavam fantástico” (slogan inicial), “com mansões e carros de impressionar”, “o verde é a gente que faz, da fábrica, direto ao freguês, vem com cem





“pilhas para vocês”, onde “o ar é meio ruim, mas dá pra comprar, e tão fácil assim, satisfeito vai ficar, sim” e, “ninguém liga não, para onde vai a poluição”<sup>14</sup>.

Neste primeiro momento, as falas citadas acima, descrevem situações que serão enfrentadas com maior e menor escala pelos personagens, já que a questão ecológica é o ponto alto da discussão no enredo, deixando temas como consumo desenfreado, manipulação das massas pelo marketing, busca incessante pelo poder e pelo dinheiro, perpassando o audiovisual como assuntos tangentes que influenciaram a percepção dos personagens inseridos nesta estória, que para o cinema teve a versão original incrementada.

O enredo traz a história de Audrey - mocinha que se move no desejo de ter uma árvore viva crescendo de verdade em seu jardim -, de Ted Wiggins - jovem que apaixonado pela mocinha, tenta descobrir o que aconteceu com as árvores para cair nas graças da menina -, ajudado pela avó - que propaga contos da existência de um ser que sabe sobre as árvores -. Assim, Ted sai da cidade, enfrentando, um grande e influente empresário que quer impedi-lo, Sr. O'Hare e, numa terra estranha, onde encontra Umavez-ildo - um empreendedor ganancioso, que acabou por destruir as trúfulas com a sua obsessão em as transformar em sneeds, um produto que ninguém precisa, mas todos querem e, que, supostamente, tem mil e uma utilidades.

Deste modo, em busca da verdade, e da Trúfula perdida como diz o nome do filme, o enredo se desenrola com a descoberta de que o Lorax apareceu para Umavez-ildo, tentando dissuadi-lo da ideia de desmatar a floresta, mas como o dinheiro é capaz de cegar, aquele não conseguiu (ou não quis) enxergar as consequências dos seus atos.

Em síntese o filme fala sobre o poder destruidor da ganância e a importância de preservar o meio ambiente, onde a animação cria um laço de afeição com as crianças para passar a ideia de que precisamos cuidar do planeta e que todas as espécies têm o seu espaço. Mostra, ainda, como a sociedade industrial/consumerista funciona, deixando claro como a natureza é impactada pelas ações egoístas e mesquinhas dos homens, que se deixam cegar pelo material e não conseguem olhar além.

<sup>14</sup> Falas retiradas do filme observado: O Lorax em busca da trúfula perdida. Direção: Chris Renaud. Produção: Estúdios Illumination Entertainment e Universal Pictures. 2012. 96 minutos de duração. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Wg\\_dsGLqXP8](https://www.youtube.com/watch?v=Wg_dsGLqXP8)>. Acesso em: out. 2017.



De certa forma, a cidade murada de Thneedville representa o cinismo e a indiferença dos homens frente a natureza, já que toda a devastação causada pela ambição humana ficou de fora de seus muros.

Em análise reflexiva acerca do objeto observado, pondera-se que o distanciamento entre o homem e a natureza pode ser observado ao longo do filme em falas como: “Ted, já temos uma árvore e é o último modelo [...] Olha a nossa lá fora. É a carvalho-mática, a única árvore com controle remoto, [modo] verão [luz verde], outono [luz amarela], inverno [luz azul] e disco [luzes coloridas piscantes e música de dança]. Dance com a árvore!”, “você prefere ter um toco de madeira suja e empoeirada que sai da terra?”. [A árvore] “faz o quê? Nem sei o que ela faz. Qual o seu propósito?”. “Quem precisa de uma árvore? A última coisa que querem por aqui são árvores. São sujas! Soltam aquela seiva grudenta para todo lado. Atraem formigas venenosas e abelhas com ferrões. Pensem nas crianças!”. “E, sabem, elas têm folhas! Sabem disso né? Depois as folhas caem. E caem por todo lado!”.

Essa última fala em específico retoma Ost, quando, no capítulo um, da obra ‘a natureza a margem da lei’, trabalha-se a natureza morta/artificial, contando que em 1972 o conselho municipal de Los Angeles decidiu <plantar> novecentas árvores de plástico ao longo das principais avenidas da cidade, sob o argumento de que estas resistiriam melhor na atmosfera poluída e que não perderiam as folhas no inverno. Essa falsificação representa o tipo de relação que estabelecemos com a natureza: o substituto plastificado, mera representação do natural concreto, proveniente da experiência real que se poderia ter com a natureza. Entretanto, nas semanas seguintes, pelo vandalismo sem precedentes, a municipalidade acaba por abandonar o seu programa de <plantação>, isto porque “não nos satisfazemos verdadeiramente com estas áreas de árvores artificiais, não aceitamos como natural a ideia de um mundo plastificado, muito menos em nossas mentalidades”<sup>15</sup>. Ao menos é o que busca quando se trabalha a sociobiodiversidade, e se foge da regra dominante de monocultura da mente, onde se passa a descartar uma pluralidade de caminhos para se conhecer e interagir com a natureza seguindo um modelo único como verdadeiro e universal.

<sup>15</sup> OST, François. *A natureza a margem da lei: a ecologia à prova do Direito*. Lisboa: Piaget, 1997, p. 27.



Retomando a narrativa do filme, após Umavez-ildo contar sobre as árvores para Ted, o enredo se faz aperceber que este último pode fazer a diferença por meio de sua vontade de se reencontrar com as árvores.

E, assim, como da semente nasce uma nova vida, Ted se torna a esperança de uma mudança nos padrões de vida dos habitantes de Thneedville, que representam, adaptando o filme para a realidade, toda a população humana e a urgência em se rever os hábitos cotidianos da vida, seguindo a indicação final de *The Lorax*, que diz “unless someone like you cares awful lot, nothing is going to get better, it’s not” (que em tradução livre significa: a menos que você se importe de montão, nada vai melhorar, não vai não).

Ou seja, a frase do Dr. Seuss chama a todos a pensar a relação entre homem e natureza, para falar pela natureza, conforme registra a fala do filme: “Eu falo pelas árvores. Na verdade as coisas não são perfeitas em Thneedville, e vão piorar, a menos que façamos algo a respeito, a menos que mudemos o rumo das coisas, de nossas atitudes. E, podemos começar plantando [a semente de tréfolo]”, ou como ora se interpreta: plantando a possibilidade de (re)significar, de (re)construir, de valorar o que é saber, pensando-se alternativas as problemáticas que está a se enfrentar nesta nova era, onde, conforme Araújo<sup>16</sup> o imaginário social se constrói a partir do natural, instituindo uma simbiose entre sociedade e biodiversidade: a sociobiodiversidade, que deverá ser resguardada por um direito que valorize a relação homem/natureza, preservando-os para gerações futuras.

Esse pensar diferente já pode ser observado nas políticas públicas empregadas pelo Ministério do Meio Ambiente, pela Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, junto ao Departamento de Educação Ambiental e Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), com a implementação do projeto Educomunicação Socioambiental<sup>17</sup>, que já vem trabalhando com a Educomunicação objetivando: a) estimular e difundir a comunicação popular participativa no campo da Educação Ambiental brasileira, com o fim de fortalecer a ação educadora coletiva pela sustentabilidade e, b)

<sup>16</sup> ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso de. O Direito da Sociobiodiversidade. In: **Direitos Emergentes na Sociedade Global: Anuário do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSM**. Rio Grande do Sul: Unijui, 2013.

<sup>17</sup> Veja mais no site do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educunicacao>>. Acesso em: out. 2017.



Contribuir para a elaboração e a implementação de uma Política Nacional de Comunicação e Informação Ambiental.

Entretando, ainda delimita o debate a práxis de Educomunicação Socioambiental, podendo quiçá vir a ser abordada pelo viés da Educomunicação da Sociobiodiversidade.

## CONCLUSÃO

Primeiramente, cabe ponderar que estas são discussões preliminares acerca do tema abordado, eis que ora se retoma a ideia de que o direito da sociobiodiversidade representa um grande desafio de romper com perspectivas dominantes, onde há a necessidade de se repensar o sentido de desenvolvimento pela abordagem da percepção socioambiental, sistêmica, onde haja a convergência entre a proteção da biodiversidade e desenvolvimento social, não podendo este estar baseado na destruição da natureza e na perda da biodiversidade, conforme Luiz Ernani Bonesso de Araújo nos apresenta, como o dever de adoção de um novo paradigma com a incorporação de novos valores, que agreguem a ampliação de significados que gerem um sentido social e coletivo ao reconhecer, reafirmar e efetivar o direito da sociobiodiversidade no ordenamento jurídico nacional.

Isto para se enfrentar a crise ecológica posta, como uma crise de representação da natureza, da relação homem/natureza que não dialoga com saberes locais, que coisifica a natureza numa visão utilitarista de dominação do homem afastado da natureza, quando deveria se pensar que o homem faz parte da natureza, transforma-a na mesma medida que a natureza o transforma.

Trouxe-se um objeto empírico para análise da possibilidade de utilização de recursos audiovisuais, como o filme O Lorax: em busca da trufula perdida, para a abertura de discussão e reflexão, num agir educutivo (para a cidadania e solidariedade), para a sensibilização e reconhecimento de um direito a sociobiodiversidade. O que posto à prova prévia indicou a hipótese de que é possível a educomunicação dar visibilidade para a demanda em questão e tornar sensível o tema de discussão, abrindo-se para novos olhares, novos sentires, novas



alternativas na troca dialógica entre os sujeitos participantes destas dinâmicas educacionais.

Chama-se a atenção do leitor acerca do caráter exploratório desta pesquisa, eis que a única premissa inicial desta pesquisadora está na tentativa de pensar diferente, como fora incitada a fazê-lo nas aulas do Direito da Sociobiodiversidade, sendo este um esboço preliminar de potencialidades da educação no universo do direito, eis que retomando-se à discussão, muitas são as probabilidades possíveis de futura pesquisa para se responder satisfatoriamente o problema proposto, qual seja, quais as perspectivas da educação para a sensibilização do direito da sociobiodiversidade? Merecendo, quem sabe, uma mudança na metodologia de pesquisa, para abranger uma pesquisa de campo, para ver concretizada a práxis da educação aliada ao desenvolvimento da teoria da sociobiodiversidade como direito social coletivo, quiçá uma condição ecocidadã trabalhada por Araújo em 'o direito da sociobiodiversidade'.

Acredita-se que o objetivo desta pesquisa que era contrastar a crise ecológica atual, abordando o tema da necessidade de se tratar sobre a destruição da natureza (ecocídio) acompanhada pela destruição da cultura (etnocídio), seguindo a linha de Serge Moscovici e Fritjof Capra, com o objeto empírico - desenho O Lorax: em busca da trífula perdida - fora atingido ao menos parcialmente, tendo em vista o exíguo tempo de maturação das ideias e compreensão da totalidade das teorias desenvolvidas.

Oportunamente, nomeia-se a ideia de que práticas educacionais futuras devem levar em consideração a necessidade de se discutir as tendências de pensamentos e valores (apresentada por Capra) como fatores basilares de questionamento e (re)construção da (re)significação e valorização de saberes na prática da educação no pensar um novo paradigma para o reconhecimento e sensibilização do direito a sociobiodiversidade, avançando nos trabalhos já realizados pelo Ministério do Meio Ambiente com o projeto Educação Socioambiental, anteriormente tratado.



Por fim, deixa-se aqui uma impressão particular sobre o desenvolvimento desta pesquisa, que muito ainda tem a trilhar, haja vista a constatação da necessidade de uma demonstração da confirmação da hipótese apresentada, qual seja, de que a práxis da educomunicação propiciaria uma reflexão crítica acerca do relacionamento do homem e a da natureza, deixando-se de pressuposto o delineamento de um objetivo geral que é de ver empregada de forma concreta a prática educacional para a discussão, reflexão e visibilidade acerca da pluriculturalidade e multiétnica existentes em nossa nação, em prol de uma mudança de paradigma que derive em um novo modelo socioambiental reconhecido, regulado e efetivado no ordenamento jurídico, que quiçá possa contribuir, nos dizeres de Araújo, para a construção de um processo de emancipação para os povos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso de. O Direito da Sociobiodiversidade. In: **Direitos Emergentes na Sociedade Global**: Anuário do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSM. Rio Grande do Sul: Unijui, 2013.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Projeto Educomunicação Socioambiental. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educunicacao>>. Acesso em: out. 2017.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2013.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006, p. 39-67.
- MOSCOVICI, Serge. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2007.
- O Lorax em busca da trífula perdida**. Direção: Chris Renaud. Produção: Estúdios Illumination Entertainment e Universal Pictures. 2012. 96 minutos de duração. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Wg\\_dsGLqXP8](https://www.youtube.com/watch?v=Wg_dsGLqXP8)>. Acesso em: out. 2017.
- OST, François. **A natureza a margem da lei: a ecologia à prova do Direito**. Lisboa: Piaget, 1997.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **O que é um educador? A formação e a comunicação dos professores**. Conferência, São Paulo, 1998. Educomunicação, São Paulo: Núcleo de Comunicação e educação, 2004.
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia. 2003.